

MINHAS QUERIDAS ¹

Carlos Eduardo Bezerra*
Telma Maciel da Silva**

Mais um volume de cartas de Clarice Lispector foi publicado em 2007 pela Rocco. Trata-se de *Minhas queridas*, livro em que se reuniu a correspondência trocada pela escritora e suas irmãs Elisa Lispector e Tania Kaufmann nas décadas de 1940 e 1950. As notas explicativas e a introdução são de Teresa Montero. Naquele período, Clarice viveu em várias cidades – Rio de Janeiro, Belém, Lisboa, Roma, Nápoles, Florença, Berna, Paris, Torquay e Washington – primeiro em companhia do marido e depois em companhia deste e dos filhos. Quem envia e recebe cartas sabe o quanto elas são importantes. Distante da família, Clarice aguardava a chegada das cartas com ansiedade. Reclamava das irmãs o fato de se mostrarem ausentes por não lhe enviar cartas. Não raro, Clarice transforma as cartas em telefonemas ao iniciá-las por “Alô, queridíssima”, “Alô, Tania, William”, demonstrando, assim, a necessidade de estar perto das irmãs, de ouvi-las e senti-las mais próximo.

As cartas trocadas entre escritores têm sido mais e mais divulgadas e têm atraído o interesse de pesquisadores, uma vez que elas podem servir de fonte para compreender de forma mais ampla o fenômeno literário. No caso das cartas em questão, os leitores têm acesso à vida privada das irmãs Lispector, todas elas apaixonadas pela literatura, especialmente Clarice e Elisa, ambas escritoras. Há neste conjunto de cartas um dizer não-dizer, evidenciando a cumplicidade das irmãs, para quem determinados assuntos eram subentendidos. O leitor deve por este motivo estar atento às palavras sublinhadas, aos nomes de pessoas transformados em abreviaturas como na carta de 7 de fevereiro de 1941. A linguagem usada por Clarice traz à cena a vivência do núcleo familiar, já sem a presença dos pais, talvez por isso Clarice assumisse o papel de mãe, quando se referia às irmãs ao tratá-las de “Minha única filhinha”, “Filhinhas únicas, eu

vos amo”, “Minhas queridas únicas, minhas filhinhas”, e o papel de avó ao referir-se diretamente à Elisa: “Sua Clarice, vovó de sempre”. Ainda quanto à forma de tratamento, chama atenção o uso de “minhas bichinhas”, expressão caracteristicamente nordestina. Os anos que Clarice viveu no Nordeste do Brasil parecem ter deixado marcas indeléveis na sua linguagem, o que nos faz pensar imediatamente na sua personagem mais fascinante: a Macabéa, de *A hora da estrela*.

Mas as cartas de *Minhas queridas* também extrapolam a vida do núcleo familiar, pois através delas Clarice tinha notícia da recepção de seus livros no Brasil como o foi, por exemplo, com a crítica de Álvaro Lins e Antonio Candido: “Gostaria muito de ler uma crítica de Antonio Candido. Ele escreveu? Diga sua opinião, querida. Em todo o caso já passei por cima da crítica de A. Lins, embora a leve a sério.” Era também pelas cartas que Clarice acertava o pagamento das editoras: “Tania, como é? A Agir não vai pagar o resto? E quando?” Assim, as cartas são também fontes para os estudos literários, desmistificando a relação dos autores com suas obras, dos autores com os demais sujeitos que formam o campo literário como jornalistas, críticos literários, editores.

Pouco a pouco, através das cartas, vamos conhecendo mais da montagem do mundo ficcional e do mundo real de Clarice. Ambos se confundindo, misturando-se, entrelaçando-se, o que também é possível constatar nas crônicas de *A descoberta do mundo*, o que nos faz pensar nas cartas como um laboratório de escrita, seja para produzir ou pensar na ficção que viria a produzir. As cartas, desse modo, parecem servir de fonte para desmistificar a sua imagem de escritora hermética, uma vez que nelas Clarice se mostra interessada pelos mais diversos assuntos. Além disso, a

*Doutorando em Letras (Literatura e vida social) pela Unesp/Assis. Bolsista do CNPq.

**Doutoranda em Letras (Literatura e vida social) pela Unesp/Assis. Bolsista da FAPESP.

¹ LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

reunião de todos os volumes já publicados apresenta Clarice como uma profícua escritora de cartas, como também o foram Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros escritores, que por esta via nos legaram um rico e importante acervo para estudo e compreensão da cultura brasileira da qual fazem parte, por amor, direito e fato, Clarice Lispector e sua obra.